

Era o dono da casa da rua

Cláudio Abramo,
de Paris

Nos últimos anos estive menos com Sérgio Buarque de Holanda do que nos anos que precederam imediatamente minha vinda para a Europa. Éramos conhecidos há mais de trinta e cinco anos e com os anos terríveis, na década de 70, nos aproximamos, como se aproximaram todos os brasileiros que discordavam. A angústia e a dor nos unia.

Historiador emérito, uma ocupação que no Brasil foi suplantada pela dos sociólogos, na disputa do prestígio que a sociedade dedica aos seus membros (o Brasil é como a França e um pouco os Estados Unidos: os sociólogos são mais importantes aí e aqui do que os historiadores. Na Inglaterra, os mais "einentes" são os historiadores - a cada país seus hábitos). Sérgio Buarque publicou trabalhos importantes, dos quais não falarei pois essa não é minha seara.

Naturalmente quando se é amigo de alguém, não se discute o que ele faz. Os leigos imaginam que quando dois escritores se encontram, conversam sobre livros: falam de futebol, de mulheres e isso vale para qualquer um.

Quando podia ia à sua casa na rua Buri, no Pacaembu, uma rua que tinha a particularidade de só ter uma casa, a casa de Sérgio Buarque de Holanda. E era difícil de encontrar. Uma noite ele foi jantar em casa, com Mário Pedrosa, que estava hospedado

lá. Foram ele e Maria Amélia, generosa e solidária, e Radha, minha mulher, preparou um jantar que se estendeu pela noite adentro. Ele tinha um carinho especial por Radha e talvez tenha sido por isso que me adotou entre seus amigos.

Nos últimos anos, na sua biblioteca, sorvendo clandestinamente pequenos goles de uísque e fumando um cigarrinho também proibido pelos médicos, Sérgio mostrava um enorme orgulho de ser pai de Chico Buarque, que foi, nos anos terríveis, com Antonio Callado, um dos mais valorosos intelectuais que o Brasil produziu. "Agora, de Sérgio Buarque, virei pai do Chico", dizia, com indisfarçável contentamento.

Soube que ele estava doente quando estive aí nas férias de dezembro, mas não consegui falar com ele. Sérgio estudara na Alemanha e quando mergulhava muito fundo nas suas viagens etílicas, cantava em alemão e contava casos da dona da pensão de estudantes, na Alemanha de antes de Hitler, quando tudo era diferente.

Ele mereceu, por sua análise crítica aguda, a inimizade de outros historiadores, menores, sobre os quais não falarei hoje em homenagem a Sérgio.

Não sei dos detalhes de sua morte, sei que estava com pneumonia. Seja como for, ele deve ter morrido fazendo humor - algo que nunca o abandonou, mesmo nos anos tétricos que passamos, todos nós, e mesmo quando não se tinha esperança de mais nada.

Abramo, Cláudio. // Era o dono da casa da rua //

Folha de São Paulo // São Paulo, 26 abr 1982. Ilustrado, p. 19

Sobre a ligação amistosa do autor com Sérgio.